O SENADO SEGUNDO SARNEY

Sete Dias da Semana | 18 DEZ 1996

Segundo a opinião abalizada e incontestada de Afonso Arinos, o Senado é "a Câmara ponderada; o grupo que orienta, que se impõe em determinadas situações políticas; a cúpula do Poder Legislativo; o florão mais alto das instituições da República Federativa do Brasil". Presidi-lo é uma tarefa que tanto tem de gloriosa quanto de afanadas responsabilidades.

O chefe do Poder Executivo administra sem oposição intra-muros. Forma a equipe de confiança, que executa sua orientação. É o maestro que impõe à orquestra o ritmo de seu agrado à linha melódica de sua preferência. Se alguém desafina, se algum ministro destoa e está desatento à batuta, o Presidente tem a faculdade de substituí-lo por alguém afinado com a partitura.

O mesmo não ocorre com o chefe de Casa Legislativa. O Parlamento é, intrinsecamente, o dissenso. As decisões consensuais são fruto de complicada e demorada engenharia política, eis que nele se abrigam bandeiras de todos os feitos e matizes. Esquerda, direita, centro, interesses corporativistas, pressões justas e estapafúrdias, se aliciam e se guerreiam, na ânsia de fazerem prevalecer suas ideologias e seus pontos de vista. Administrar o dissenso é, pois, a grande arte do Presidente de Casa Legislativa.

O sr. José Sarney exerce essa arte com rara competência. Prestes a passar o comando do Senado a quem merecer ser eleito em fevereiro próximo, deixa-o com uma estrutura consonante com as exigências dos novos tempos.

Tendo exercido a Presidência da República, pôde avaliar, com precisão, anacronismo imperante na administração do Senado. Uma de suas primeiras providências foi a de designar comissão de alto nível e de contratar os serviços da Fundação Getúlio Vargas, com o intuito de promover uma reforma administrativa de profundidade, de modo a modernizá-la e a torná-la mais ágil, em benefício da infra-estrutura da atividade parlamentar. Simultaneamente, deu continuidade à informatização de todos os serviços, deixando-a praticamente concluída.

Merece destaque a atenção que lhe merece o setor de comunicação social. A implantação da TV do Senado era um imperativo, sobretudo tendo em vista, ora a omissão da mídia na divulgação dos trabalhos parlamentares, ora a distorção nos noticiários. Como é patente, o Poder Legislativo é prato apetitoso para os gulosos do sensacionalismo. Bater nele, machucá-lo, denegri-lo, é receita sofisticada para o aumento da vendagem de periódicos e de audiência

nas emissoras de televisão e de rádio. Essa compulsão de usar o Legislativo como saco de pancada, com ou sem razão, tem agora pelo menos um freio na TV do Senado. Não se pode dizer que não há "quorum" se ela mostra plenários cheios. Esse é apenas um entre muitos exemplos. Pode alegar-se que não houve votação de determinada matéria reputada importante. Mas há de ser explicitado que o motivo foi a obstrução ou qualquer outro recurso parlamentar permitido pelo Regimento. As imagens da TV do Senado na casa do telespectador estão garantindo ao Senado sua verdadeira imagem.

Desde o primeiro dia de sua investidura na Presidência, José Sarney foi inflexível no cumprimento dos preceitos regimentais. A presença em plenário, nestes dois últimos anos, foi sempre elevada, pois nada se votou sem o "quorum" legal. E a permanência dos oradores na tribuna cingiu-se ao estabelecido na lei interna da Casa, ensejando maiores oportunidades a todos para ocupá-la. Com discreta mas intransigente firmeza, Sarney conduziu os trabalhos parlamentares de modo a garantir-lhes notável eficiência. Os números são definitivos: só este ano foram apreciadas cerca de 650 matérias, mais de 500 das quais mereceram aprovação.

Presidente do Senado e do Congresso não atua só internamente. Seja quem for, o ocupante do cargo é figura exponencial da vida pública, pois exerce a chefia de um dos Poderes da República. Reza a Constituição que estes devem ser independentes e harmônicos entre si.

Sarney, que já chefiou o Executivo, carregando, em sua bagagem, longa experiência parlamentar, chefia, agora, o Legislativo, senhor das filigramas que envolvem o exercício do outro Poder. Essa circunstância reforçou os alicerces de sua sensibilidade política, adquirida e ampliada ao longo de movimentada carreira no múnus público. Jamais confundiu harmonia com bajulação ou subserviência, e independência com hostilidade. As posições em defesa do Senado e do Congresso, ele as adotou na convicção de serem o melhor caminho na harmonização de políticas, por vezes conflitantes. Sem gestos quixotescos, recusou-se a aceitar provocações, e passeou, incólume, entre as intrigas fomentadas pelos costumeiros adeptos do caos. Discreto mas firme, resguardou, mais que a sua, a dignidade do Senado da República.

A história da Câmara Alta registra a passagem, por sua Presidência, de eminentes vultos que a enobrecem e que o Brasil reverencia. José Sarney pode orgulhar-se de não desmerecê-los.